

Crato assiste a aula de Mandarim e lembra alunos que são “pioneiros”

O Ministro da Educação e da Ciência, Nuno Crato, assistiu a uma aula de Mandarim na Escola Secundária de Vila Franca de Xira que abraçou o projeto-piloto da língua chinesa. **Por Paula Mourato**

No dia 6 de outubro, o ministro da Educação e da Ciência visitou uma das escolas secundárias envolvidas no projeto-piloto de ensino de língua chinesa, a Professor Reynaldo dos Santos, em Vila Franca de Xira. Nuno Crato assistiu a uma aula de Mandarim, nas quais se percebe que alunos e encarregados de educação veem o Oriente mais próximo do que nunca.

Três meses depois de assinatura do protocolo de cooperação entre o Ministério da Educação e da Ciência (MEC) e o Hanban (Gabinete do Conselho Internacional do Ensino da China, equivalente ao Instituto Camões em Portugal), 230 alunos, de 14 turmas, de onze escolas secundárias de Norte a Sul do País, já aprendem Mandarim. Várias escolas privadas ofereciam a aprendizagem mas o cenário chega agora ao ensino público.

Nos primeiros dias das aulas de Mandarim, mais precisamente no dia 6 de outubro, o ministro da Educação e da Ciência, Nuno Crato, foi assistir a uma aula dos alunos da Escola Secundária Professor Reynaldo dos Santos, em Vila Franca de Xira. Uma das onze escolas que implementaram já este ano letivo o ensino da língua oficial chinesa.

Na chegada à aula, todos se cumprimentam com ‘ni hao’ (olá em chinês) e, tendo em conta que naquela escola da área metropolitana de Lis-

boa as aulas iniciaram-se no dia 29 de setembro, os alunos mostraram a Nuno Crato e à restante comitiva - onde se encontrava Teresa Cid, diretora do Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa e Zhu Li, vice-diretora - que já sabem também perguntar “como te chamas?” e dar a devida resposta. Seguiu-se com a ajuda do professor chinês - que também fala português - uma sessão de fonética. Rotina essencial, para

Sobre o investimento no projeto-piloto de Mandarim, Nuno Crato disse que “da parte do MEC é apenas de organização. Graças a um acordo com o Hanban, os professores trabalham aqui graciosamente”

Todos os alunos das 14 turmas, por todo o país, já possuem os materiais de estudo, manuais incluídos

que os alunos vão aprendendo a reconhecer os quatro tons do sistema de Pinyin da língua chinesa, tal como consta das orientações curriculares para o ensino do Mandarim, já homologadas pelo ministro.

Nuno Crato dirigiu-se, então, aos 21 alunos que na Escola Professor Reynaldo dos Santos que escolheram Mandarim como disciplina curricular referindo que o objetivo “é fornecer aos nossos jovens a oportunidade de apreenderem o Mandarim que é a língua mais falada do mundo em termos de língua materna”. Uma língua “importantíssima para os negócios, para conhecer uma outra cultura muito diferente da nossa, mas ao mesmo tempo muito perto da nossa porque a cultura chinesa é uma cultura que nós em Portugal temos acompanhado e a China tem acompanhado a cultura portuguesa, desde há muitos séculos”.

Na Escola Secundária Professor Reynaldo dos Santos 16 por cento dos alunos do 10.º ano aderiram a esta disciplina curricular.

Nuno Crato lembrou os alunos que eram “pioneiros” e que no futuro teriam “um papel nas relações internacionais, como tradutores ou nas relações comerciais com a China”.

O MEC anunciou, nesse mesmo dia, em comunicado que, tendo em conta as matrículas efetuadas, foram constituídas quase dezena e meia de turmas, abrangendo um total



O ministro da Educação e da Ciência, Nuno Crato, assiste a aula de Mandarim na Escola Secundária Professor Reynaldo dos Santos, em Vila Franca de Xira nos arredores de Lisboa

de 230 alunos do 10.º ano de escolaridade de Cursos Científico-Humanísticos do ensino secundário. Foram cedidos graciosamente pelo Hanban 10 professores chineses. O projeto poderá ser alargado no ano letivo de 2016/2017 a mais agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas.

“Neste momento são 11 escolas e 10 professores que estão

a dar Mandarim”, disse Nuno Crato aos jornalistas durante a visita à Escola Professor Reynaldo dos Santos. “É o primeiro ano em que está a acontecer, acontece por todo o País e em colaboração com instituições de ensino superior, nomeadamente temos cinco universidades e um instituto politécnico que colaboram nesta iniciativa”, acrescentou.

O ministro acredita que este primeiro ano “será seguido com muito interesse por parte de muitos outros alunos e que em breve será um fenómeno mais alargado, a aprendizagem do mandarim”.

Nuno Crato sublinhou que para a tutela “é muito importante a aprendizagem das línguas estrangeiras. O Mandarim é uma língua “agora

introduzida no currículo de fase experimental, em fase de projeto no ensino secundário, mas é muito importante todo o trabalho de aprendizagem das línguas”, disse, não esquecendo a “certificação internacional do Inglês” e o trabalho que o MEC está a desenvolver para a tutela “é muito importante a aprendizagem das línguas estrangeiras. O Mandarim é uma língua “agora

jovens sejam mais multilingues do que são hoje”.

Questionado sobre a importância do Mandarim no currículo escolar, Nuno Crato explica tratar-se de “um idioma muito falado e que é um idioma de comunicação que se tornará muito apetecível para os nossos jovens que estejam interessados em trabalhar nas relações com a República Po-

pular da China e com outros países”. Considerando que “a aprendizagem deste novo idioma abre-lhes outras perspectivas”, Nuno Crato recorda que “já tivemos oportunidade de testemunhar, em várias ocasiões, o interesse que existe por parte dos portugueses em aprender chinês, e o interesse que existe por parte de muitos chineses em aprender português”, lembrando que “as relações entre os dois povos são muito antigas mas têm sofrido nos últimos anos um desenvolvimento muito intenso”. O ministro referia-se “não só às relações comerciais” mas também “culturais e científicas”.

“Aqueles que aprenderem hoje chinês certamente vão-lhe dar muito uso no futuro”, afirmou, destacando ainda a “curiosidade intelectual que também é de louvar”.

Sobre o investimento no projeto-piloto de Mandarim, Nuno Crato disse que “da parte do MEC é apenas de organização. Graças a um acordo com o Hanban, os professores trabalham aqui graciosamente. O que nós fazemos é organizar-lhes a estadia e transportes e o governo chinês paga-lhes os salários”, sendo que “a estadia e os transportes são organizados em conjunto com as instituições de ensino superior, que acolhem estes professores que também colaboram com essas instituições, nomeadamente com o Instituto Confúcio de Lisboa, com o de Aveiro e com o do Minho”.

Segundo o ministro, os docentes vindo da China colaboram dando “aulas, aconselhamento e formação a estudantes e professores dessas instituições de ensino superior”.

Já anteriormente Nuno Crato havia considerado as seis instituições do ensino superior “decisivas para que este processo vá para a frente”. Até porque, segundo o ministro

“as instituições do ensino superior vão também beneficiar, porque tendo o equivalente a um leitor de Mandarim na sua instituição, têm também a possibilidade de ter mais contactos com a cultura chinesa e por isso também oferecer aos seus alunos cursos livres, atividades culturais e outras que abram maiores perspectivas de cooperação”.

Sobre a previsão inicial, que apontava para um número maior de alunos tendo em conta as 21 escolas candidatas a integrar o projeto, Nuno Crato explicou que o MEC teve de “apontar para os casos em que havia uma concentração de estudantes mais intensa e que pudesse garantir o funcionamento regular e a utilização total dos recursos”.

Contudo, Nuno Crato está confiante no interesse dos alunos e na sensibilização dos encarregados de educação para uma aposta na língua chinesa. Assim, para o ano letivo 2016/2017 o cenário será ainda mais animador. “Temos a certeza que para o ano serão 100 e para o outro ano serão mais”, afirmou.

Ainda assim, apesar de numa fase inicial o protocolo prever um número mínimo de 20 alunos para a constituição das turmas, o MEC acabou por autorizar turmas de 16 e até de 12 alunos. “Houve autorizações para umas turmas um pouco maiores e outras mais pequenas porque estamos numa fase de projeto-piloto e temos que ver no total do país qual é a melhor distribuição geográfica e qual a melhor maneira de lançarmos este projeto. Nós quisemos que praticamente todas as zonas do país fossem cobertas”.

Confirmada a “demora na chegada dos docentes” em algumas escolas, o ministro Nuno Crato garantiu que a questão “do atraso na emissão de documentos chineses necessários para a emissão de visto” pelas autoridades portuguesas “já foi ultrapassada” e as aulas “já estão a começar”.

Quanto aos manuais escolares, o responsável pela pasta da Educação confirmou que “todos os alunos já possuem os materiais de estudo cedidos graciosamente também pelo Hanban”.

Durante este ano letivo o projeto será acompanhado e monitorizado por um grupo de trabalho que integrará elementos da DGE, da Direção-geral dos Estabelecimentos Escolares (DGEstE), das escolas, das Instituições de Ensino Superior envolvidas e que deverá elaborar um relatório sobre o seu funcionamento e, no fim do ano escolar 2016/2017, um relatório final de avaliação.